

**A ESPACIALIZAÇÃO DO “CLUBE DO CARIMBO” NO BRASIL: A
IMPORTÂNCIA DO CIBERESPAÇO PARA A TRANSMISSÃO CONSENSUAL
PROPOSITAL DO HIV**

**THE SPATIALIZATION OF THE "STAMP CLUB" IN BRAZIL: THE
IMPORTANCE OF CYBERSPACE FOR THE PURPOSEFUL CONSENSUAL
TRANSMISSION OF HIV**

**LA ESPACIALIZACIÓN DEL "CLUB DE LA ESTAMPILLA" EN BRASIL: LA
IMPORTANCIA DEL CIBERESPACIO PARA LA TRANSMISIÓN DELIBERADA Y
CONSENTIDA DEL VIH**

Jeziel silveira silva

Universidade federal de goiás
Brasil

Jezielsilveira@hotmail.Com

Número do orcid

Ivan ignácio pimentel

Universidade do estado do rio de janeiro
Brasil

Ivan.Pimentel@uerj.Br

Número do orcid

Adelaine elis carbonar dos santos

Universidade federal de são joão del-rei
Brasil

Adelaine.Carbonar@ufsj.Edu.Br

Número do orcid

RESUMO

Após ser exposto pela mídia, o “Clube do Carimbo”, um fenômeno que se efetiva principalmente nas grandes e médias metrópoles do país, tornou-se conhecido e despertou o desejo de compreendermos o grupo a partir do olhar geográfico. Dessa forma, a presente pesquisa tem como objetivo central compreender a importância da correlação entre o Ciberespaço e o Espaço Concreto para a transmissão de HIV e infecções, de forma consensual, entre homens que se relacionam sexualmente com outros homens (HSH). Considerando que o dito ou o escrito no ciberespaço está suscetível à sistematização, a metodologia empregada neste artigo consiste no método da fenomenologia com a utilização de técnicas de pesquisa como a Etnografia Digital e a Observação Participante, que possibilitam a compreensão e a distribuição do fenômeno no território brasileiro.

Palavras-chave: Ciberespaço; Espaço Concreto; Clube do Carimbo; HIV; HSH..

ABSTRACT

After being exposed by the media, the "Stamp Club", a phenomenon that takes place mainly in the country's large and medium-sized cities, became known and aroused the desire to understand the group from a geographical perspective. The main aim of this research is to understand the importance of the correlation between cyberspace and concrete space for the transmission of HIV and infections, in a consensual way, among men who have sex with other men (MSM). Considering that what is said or written in cyberspace is susceptible to systematization, the methodology used in this article consists of the method of phenomenology with the use of research techniques such as Digital Ethnography and Participant Observation, which make it possible to understand and distribute the phenomenon in Brazilian territory.

Keywords: Cyberspace; Concrete Space; Stamp Club; HIV; MSM.

RESUMEN

Tras ser expuesto por los medios de comunicación, el " Club de la Estampilla", un fenómeno que tiene lugar principalmente en las grandes y medianas metrópolis del país, se hizo conocido y despertó el deseo de comprender al grupo desde una perspectiva geográfica. El objetivo central de esta investigación es comprender la importancia de la correlación entre el ciberespacio y el espacio concreto para la transmisión del VIH y las infecciones, de forma consentida, entre hombres que tienen sexo con otros hombres (HSH). Considerando que lo que se dice o escribe en el ciberespacio es susceptible de sistematización, la metodología utilizada en este artículo consiste en el método de la fenomenología con el uso de técnicas de investigación como la Etnografía Digital y la Observación Participante, que posibilitan la comprensión y distribución del fenómeno en Brasil.

Palabrasclaves: Ciberespacio; Espacio Concreto; Club del Sello; VIH; HSH.

INTRODUÇÃO

O antropólogo Richard Parker (2002) afirma que as identidades e as fantasias se tornam cada vez mais negociáveis diante das sociabilidades homoeróticas, transformando-se a cada momento e fazendo com que as marchas pelos direitos, desejos e encontros logrem com mais escopo entre a sociedade. À vista disso, foi através da cidade que esses corpos – subalternos e excluídos – puderam ser vistos como espetáculos, verdadeiras obras de arte espalhadas por toda a urbe, tornando-se objetos de consumo e comércio a serem alcançados e conquistados arduamente.

Considerando o atual contexto da sociedade, de forma coexistente, os desejos construídos e aflorados no ciberespaço são transportados para o espaço real, organizando e distribuindo espacialidades de acordo com os desejos. Dessa maneira, conforme aponta o trabalho do geógrafo Cassio Viana Hissa e da psicóloga Maria Luísa Magalhães Nogueira (2013), a sensibilidade que as ruas apresentam emerge a partir das formas como as demarcações da cidade são dispostas, inserindo os limites concretos, abstratos, simbólicos, visíveis e invisíveis do corpo, elevando essa materialidade como fronteira, cerca viva, enclave fortificado.

Assim, pode-se verificar que a relação entre erotização, desejo e espaço público urbano no Brasil foi capaz de criar uma tendência homoerótica camuflada - mas não oculta - que permeia o espaço urbano da cidade, distanciando-o de demarcações extremamente limitadas no passado (PARKER, 2002; TREVISAN, 2002). Em outras palavras, as subversões relacionadas às práticas sexuais em que significados e signos são identificados a partir desses espaços, na qual o geógrafo Jeziel Silva (2022) categoriza como *Goddess Spaces*, isto é, as saunas, boates, cinemas, *darkroom*, ruas desertas, vielas escuras, locais abandonados e desativados, banheiros públicos, praias, praças, parques, estacionamento de shoppings ou supermercados e similares que são utilizados para a concretização de práticas e comportamentos sexuais entre homens que fazem sexo com outros homens (HSH).

O conceito apresentado pelo geógrafo engloba os espaços onde o amor, a sedução e a sexualidade se encontram, se entrelaçam e se tornam palpáveis, espaços frequentemente ocupados por pessoas com práticas e comportamentos homoeróticos, que passam a ser valorizados e reinventados. Nesse momento, o espaço da cidade passa a ser observada a partir de outros horizontes, distanciando-se (parcialmente) do controle social e da ordem oriundos de sociedades passadas, apresentando olhos famintos e olhos desejanter que instigam a sedução em ambientes urbanos.

Nas concepções de Darren Whitfield *et al.*, (2017), com o uso da internet para encontrar parceiros sexuais, as preocupações no que concerne à transmissão de HIV e Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's) têm aumentado, principalmente a partir do contexto de risco, visto que a rede desempenha um papel substancial na formação de comportamentos sexuais e difunde-se de forma acelerada, fazendo com que o recrutamento de parceiros via ciberespaço ganha destaque, visto que o ambiente virtual, conforme apontam as pesquisadoras Sandra Brignol e Inês Dourado (2011), tem se tornando um espaço facilitador para encontros de parceiros sexuais entre HSH. Nesse contexto, pode-se inferir que o ciberespaço funciona como uma espacialidade que possibilita a ampliação de encontros sexuais, assim como amplifica vozes que estavam ocultas.

O denominado “Clube do Carimbo” foi apresentado nacionalmente no ano de 2015 através de matérias de programas televisivos como o (i) Fantástico, na rede Globo® (Veja como age o “Clube do Carimbo”, 2015¹); (ii) Balanço Geral, da rede Record® (Jovens com

¹ Durante quase dois meses, o Fantástico investigou um tipo de crime assustador. Pessoas com HIV positivo passam AIDS de propósito para outro parceiro. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4037058/>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

HIV contaminam de propósito parceiros em “Festas do Carimbo”, 2016²); e (iii) Brasil Urgente, na Rede Bandeirantes (Band@) (RJ: Homem com HIV infectava vítimas de propósito, 2019³). O fenômeno ganhou repercussão ao denunciar a prática (criminosa⁴) principal do grupo: a transmissão do HIV através de HSH que se dizem soropositivos e que renunciam aos tratamentos antirretrovirais (ARV's).

As reportagens evidenciam que um determinado grupo de HSH que, de acordo com o cientista social Romário Nelvo (2017), detém como intuito a busca e propagação do HIV de forma intencional, sem que o parceiro(a) tenha esclarecimentos e conhecimento de sua sorologia positiva. As coberturas jornalísticas tinham como base o propósito: apresentar o fenômeno de disseminação do vírus no espaço concreto, a partir da ótica do “Clube do Carimbo”, demonstrando os comportamentos e práticas sexuais adotadas por esses indivíduos e os profundos casos de violência, homofobia e sorofobia que eles desempenham.

Tem-se conhecimento de que o ato que é categorizado como criminoso quando uma parte de HSH se intitula soropositivo detectável com carga viral alta e que transmite o HIV de forma intencional sem que o parceiro saiba. Por isso, delimitou-se como questão central deste trabalho a importância da correlação entre ciberespaço e espaço real para os atores sociais, que diferentemente dos que recebem o vírus e, estão dispostos a receber o vírus de forma intencional, transformando o contexto criminal em algo consentido, em um ato consensual e materializado em espacialidades específicas e conseqüentemente difundindo-o.

Em diálogo com a questão central, a presente investigação tem como objetivo o mapeamento e catalogação dos grupos pertencentes ao “Clube do Carimbo” no ciberespaço, responsáveis pela difusão do HIV de forma consensual entre os HSH no território brasileiro a partir de grupos no Whatsapp®. Para alcançar o objetivo o método que utilizamos foi o da fenomenologia, visto que conforme explicita o geógrafo canadense Edward Relph (1978) pensar a realidade do mundo real é reflexionar a partir do envolvimento e interseção de

² Grupos de jovens marcam encontros pela internet, esses encontros são chamados de "Festa do Carimbo", o objetivo dela é transmitir o vírus do HIV para outros integrantes. Confira a reportagem completa. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Og3BpC7JcsU>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

³ O homem é suspeito de infectar cerca de 50 mulheres após marcar encontros pela internet. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_541aZB5GR0>. Acesso em: 17 mar. 2022.

⁴ Conforme consta o Código Penal Brasileiro: Artigo 121 do Código Penal (foco no Homicídio Doloso); Artigo 129 do Código Penal (foco na Lesão Corporal); Artigo 130 do Código Penal (Exposição do sujeito a moléstia grave); Artigo 131 do Código Penal (Intenção de transmissão de moléstia grave); Artigo 267 do Código Penal (Causar epidemia).

aspectos como a subjetividade, intuição, sentimentos, experiência, simbolismos, intersubjetividade.

Correspondendo ao método, a técnica a ser utilizada nesta pesquisa se desdobrou-se em: (i) Etnografia Digital a partir da inserção em grupos de whatsapp na qual utilizou-se um número específico para acessar os grupos e frequentá-los durante os anos de 2020-2022. A partir da entrada nos grupos, aplicamos a técnica (ii) de Observação Participante. Para acrescer nossas contribuições à metodologia deste trabalho, considerou-se relevante considerar a análise de conteúdo, pois se acredita que tudo o que é dito ou escrito no ciberespaço está suscetível a uma sistematização capaz de enriquecer uma pesquisa voltada para questões que se correlacionam em diferentes espacialidades, neste caso, no espaço real e no espaço virtual.

A vista disto, a partir dos apontamentos do geógrafo Antônio Christofolletti (1976, p. 35), compreende-se que a “análise multi-variada das relações e das tendências das distribuições espaciais, em suma, são peças básicas do arsenal técnico na formação do geógrafo”, o uso da metodologia supracitada possibilitará uma análise ampla e rica, valorizando aspectos semânticos e linguísticos, que possibilitará ao leitor a compreensão do “Clube do Carimbo” e suas subjetividades espaciais a partir do caleidoscópio geográfico. Por fim, esta pesquisa apresenta como pilar o cunho descritivo-bibliográfico cuja abordagem se desdobra em um estudo quali-quantitativo presente na Geografia conforme afirmam as pesquisadoras Carine Souza e Marggie Felipe (2021), visto a relevância de mensurar o tamanho e a intensidade de determinado fenômeno, podendo analisar suas consequências e causas.

Para a coleta de dados que foi efetuada, nosso primeiro recorte estabelecido foi o ciberespaço, uma vez que nele pode-se realizar trocas instantâneas de mensagens através de diferentes aplicativos disponíveis na rede. No caso do presente trabalho, para acessar o “Clube do Carimbo”, utilizou-se um meio específico, que pode ser identificado e acessado a partir de um blogue disponível na internet – STUB⁵ (2018 - atual). Esse site foi elaborado pelo mesmo criador de outros dois blogues famosos, intitulados como: (a) Aventuras de um Barebacker

⁵ Visando o anonimato, utilizamos as siglas do grupo, conservando a identidade do criador e dos internautas que frequentam os grupos analisados.

(ALMEIDA JÚNIOR, 2017) e (b) Novinho Barebacker⁶, que foram removidos da rede após as denúncias do “Clube do Carimbo” no ano de 2015.

Considerando que a internet se tornou um espaço no qual essa prática pode ser encontrada, difundindo táticas, maneiras, formas de concretizar esse ato no espaço real, o presente trabalho está estruturado em duas partes, além das considerações finais. No primeiro momento, buscar-se-á trazer à luz o campo de possibilidades proporcionados pelas grandes metrópoles, espacialidades marcadas pela presença de áreas que possibilitam inúmeros encontros e desencontros ao longo de 24 horas, principalmente a partir da correlação entre ciberespaço e “espaço concerto”. Posteriormente, apresentar-se-á um mapeamento os grupos que fazem parte do fenômeno do “Clube do Carimbo”, agregando onde estão localizados os fundadores dos grupos, utilizando a Discagem Direta à Distância (DDD) de cada número, do criador e dos administradores do grupo, visando atender a magnitude de determinadas práticas e comportamentos do território brasileiro a partir do fenômeno. Para esta etapa, visando o anonimato, utilizaremos as siglas de cada grupo, evidenciando a descrição presente no próprio grupo tal como a quantidade de participantes de cada grupo.

Nesse sentido a pesquisa apresentada neste trabalho apresenta uma extração direta de dados a partir de grupos públicos que foi permeada pela entrada de um dos pesquisadores nos grupos analisados. Neste contexto, os grupos públicos são categorizados como aqueles em que são acessados por meio de um link de convite em circulação livre na web, em redes sociais, blogues e outros espaços públicos. O procedimento de coleta seguiu, em geral, os seguintes passos: buscar no Google® o tema da pesquisa, encontrar o blogue principal descrito e ingressar por meio dos links disponíveis e atualizados mensalmente os grupos de temas específicos. Após isto, filtrou-se os grupos de interesse para a investigação a partir de informações gerais sobre os grupos: nomes, descrição, número de participantes, data de criação e localização a partir do DDD no território brasileiro. Todavia, a metodologia empregada assim como as análises foram possíveis a partir da quantidade de grupos analisados. A partir dos esforços, buscou-se mapear os grupos.

No que diz respeito ao Comitê de Ética em Pesquisa que envolve seres humanos, defendemos que a exposição, privacidade e tratamento dos dados observados não estão sendo expostos e indicando as identidades dos observados, sendo assim, mantendo os mesmos em

⁶ Grupo difunde táticas na web para espalhar o vírus HIV. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/grupo-difunde-taticas-na-web-para-espalhar-o-virus-hiv,2d2024d11c71b410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html>> . Acesso em: 07 mar. 2022.

sigilo. Por não adotarmos uma transcrição de entrevistas, historial oral ou técnicas que envolvem diálogos com os frequentadores\organizadores mantemos a proteção de nomes e números de telefone a partir dos grupos observados. Logo, adotamos a anonimização dos usuários e coletamos apenas dados que interessam nesta pesquisa.

Por fim, amparado na Lei nº 13.709, de 14 de Agosto de 2018 de Proteção de Dados (LGPD)⁷ conforme expõe o documento, os dados de forma anonimizados não recebem a proteção conferida no que diz respeito aos dados pessoais e sensíveis. Sendo assim, é dispensado o consentimento do titular para que o dado seja observado, recolhido e analisado, possibilitando assim o objeto de pesquisa. Além disto, o Supremo Tribunal de Justiça (STJ) decidiu no ano de 2006 que as conversas que ocorrem em ambientes virtuais não estão incluídas no sigilo das comunicações, pois ocorrem em locais de acesso irrestrito e destinado a conversas informais.

Posto isto, segundo o pesquisador Gleiton Bonfante (2019), a formação de comunidades digitais em distintas mídias contemporâneas potencializa a criação de redes de interação e solidariedade entre os membros, conforme evidencia o aplicativo de mensagens WhatsApp. Dentro desses grupos, é estimulada a articulação entre desejo, ator social e verdade, que se manifesta através da confissão pública ou privada a respeito da excitação e das práticas e comportamentos sexuais. Muitos desses atores comportam-se com naturalidade⁸ diante do que está sendo exposto. Além da troca de mensagens de textos, as imagens e os vídeos relacionados às práticas que circulam entre inúmeros usuários ganham novas definições, contornos e admiradores. No que diz respeito à prática da carimbada, como observado nas reportagens e *in lócus*, percebe-se que a criação de um grupo, isto é, o “Clube do Carimbo”, é um fato verídico, desenvolvido para reunir, difundir e incentivar essa prática transgressora, de acordo com os pesquisadorxs Sergio Martinez & Gabrielle Oliveira (2016) e que, até determinado ponto, se torna lesiva e criminal.

Desta maneira, o comportamento de transmitir conscientemente, consensualmente e propositalmente o HIV, torna-se um comportamento perverso e transgressor por aqueles

⁷ LEI Nº 13.709, DE 14 DE AGOSTO DE 2018. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/113_709.htm#:~:text=de%202019\)%20Vig%C3%Aancia-,Art.,esfor%C3%A7os%20razo%C3%A1veis%2C%20puder%20ser%20revertido](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/113_709.htm#:~:text=de%202019)%20Vig%C3%Aancia-,Art.,esfor%C3%A7os%20razo%C3%A1veis%2C%20puder%20ser%20revertido)>. Acesso em: 22 sete.2022.

⁸ Durante a pesquisa, alguns comportamentos conhecidos como *Gore* (um subgênero cinematográfico dos filmes de horror, que é caracterizado pela presença de cenas extremamente violentas, com muito sangue, vísceras e restos mortais de humanos ou animais) ganharam espaço nos grupos. Os administradores removiam os conteúdos e os respectivos autores do grupo após reivindicações dos demais participantes. Vídeos com pedofilia eram excluídos e o usuário que havia enviado era banido. Alguns dos conteúdos zoofilia ganhavam admiradores e outros usuários repudiavam o conteúdo.

atores sociais que difundem esse fenômeno no espaço concreto apenas quando não ocorre o consentimento dos demais atores sociais envolvidos. Contudo, gostaríamos de evidenciar que esse contexto adquire duas posicionalidades, na qual: (a) advém da criminalização da transmissão intencional do HIV, conforme mencionamos anteriormente neste trabalho e na introdução a partir dos Códigos Penais, e a (b) ocorre a partir do fenômeno de "oferta e procura" consentida, na qual não ocorre de fato um crime, visto que existe um acordo mútuo entre os indivíduos dessa prática. Assim, observamos dois tipos de comportamento: o consentido (sem criminalização), e o não consentido (ato criminoso e repugnante).

Por último, defendemos como justificativa deste estudo a importância do ciberespaço no cotidiano da sociedade, a formação de grupos que compartilham semelhantes posicionamentos políticos, sociais, econômicos e sexuais com o uso de aplicativos de mensagens instantâneas, dicas e trocas de experiências são compartilhadas e efetivadas em diversas espacialidades. Embora o presente trabalho contemple apenas o “Clube do Carimbo”, a correlação entre espaços on-line e off-line emerge como um importante campo que ainda precisa ser explorado pela Geografia.

O gozo como ponto de encontro: o ciberespaço e o *Goddess Spaces* nas médias e grandes cidades

As grandes e médias cidades capitalistas se tornam lugares beneficiados para que múltiplos processos sociais ocorram, dentre eles, a reprodução social e a troca de experiências. Esses processos são produtores de funções e formas espaciais, isto é, constroem e concebem atividades e materializações nas quais a distribuição espacial passa a ser produto espacial urbano, conforme a reflexão do geógrafo Roberto Lobato Corrêa (1989). Segundo o historiador e ativista dos direitos LGBTQIA+, James Green (2000), a urbanização e industrialização proporcionaram aos indivíduos impactos, principalmente no que diz respeito às trocas simbólicas, impulsionadas pela migração interna no país, desde os primórdios dos anos 1970.

Para o jornalista Gabriel Rotello (1998), os indivíduos que compõem os principais centros urbanos das principais cidades no nível hierárquico brasileiro podem espontaneamente desfrutar de múltiplos parceiros amorosos ou sexuais. Devido “às luzes da cidade”, que demonstram o funcionamento da metrópole, qualquer pessoa pode facilmente sair em busca de parceiros todas as noites, podendo encontrar corpos que rejubilem seus desejos e anseios. Como efeito, existem exequibilidades que só os atores sociais de uma “cidade grande” podem

alcançar, como por exemplo, a multiplicidade de corpos propensos a práticas sexuais, independentemente da hora, visto que “a velha rapidinha na hora do almoço” é uma prática cotidiana na urbe.

Uma das singularidades mais marcantes desses espaços urbanos é o anonimato, que permite que distintos atores sociais experimentem e vivenciem diversificados encontros e relações sexuais sem que sua identidade seja revelada ou ameaçada, visto que, nas médias e grandes cidades, o fluxo de cidadãos é renovado a cada instante, com a chegada ou partida de atores sociais. Em síntese, mesmo que o país viva um momento tenebroso, para muitos moradores das metrópoles não importa saber com profundidade se a “Cabeleira do Zezé (será que ele é?)” ou se a “Maria Sapatão que durante o dia é Maria e, de noite, é João”. A veracidade crucial é de que “mamãe, eu quero mamar”. Ao interpretar as transformações físicas, emocionais e principalmente espaciais desses sujeitos, verifica-se que a rua se torna elemento estruturador do espaço urbano, núcleo de encontros, trocas, uso e ocupação. É um espaço dialético que proporciona, a partir de sua ambiguidade, aprendizados, pois, ao mesmo tempo em que está o excitante, está o perigoso.

Conforme pontuado pelo geógrafo Almir Nabozny (2009), é na rua que a possibilidade de signos, códigos e comunicações ocorra, tornando-se uma galáxia repleta de estrelas, corpos celestes, dispostos a observar inúmeros eventos e relações. Ao viver e experienciar o espaço urbano, as fronteiras estabelecidas concretamente e de forma abstrata a respeito do espaço de forma moral, cultural, social fazem com que as distintas relações entre milhares de atores sociais se tornem uma espécie de gatilho, no qual armaduras e armas emergem ao serem confrontadas pelas práticas insurgentes do grande tecido urbano.

No presente trabalho, o que de fato interessa é a compreensão de que o espaço não se restringe apenas a uma mera definição de distâncias ou escalas cartográficas, e sim, a uma área urbana que concebe por meio de seu tecido a construção de uma cartografia sexual, gerando possibilidades de mapeamentos culturais, sociais e sexuais. Ela abarca toda a particularidade real e virtual entre as pessoas, em conjuntos contínuos, pontos e escalas, nos quais a intensidade das relações é vívida. Nesse sentido, o geógrafo Milton Santos (2006) afirma que não se trata de definir uma relação apenas de cunho econômico, mas circunscrever a totalidade das relações sociais, políticas, culturais.

Os indivíduos que vivem em cidades pequenas, com baixo quantitativo populacional, em suas peripécias, podem até dispor de múltiplos parceiros, mas sem o mesmo

campo de possibilidades que se efetivam nas médias ou grandes cidades. Esse fato deve-se às barreiras encontradas em cidades menores, devido à falta de espaços de sociabilidade e interação homoerótica e atrativos para a vida social. Além disso, o anonimato se torna um empecilho maior, pois, em uma cidade menor, o cruzamento de corpos em trânsito é mais constante. Diante das possibilidades de encontros, somado às pessoas que ainda permanecem enclausuradas em seus armários da homossexualidade, diversos atores sociais recorrem às interações on-line por meio de ambientes virtuais, adquirindo seus contatos iniciais por meio de uma comunicação mediada por tela, que por meio dos aplicativos, pode aumentar seu nível de interação através do raio (km) que o aplicativo dispõe.

As estratégias tradicionais para encontrar parceiros sexuais por meio de *Goddess Spaces* foram profundamente ampliadas, com o caminhar dos anos, através da prática de encontrar e recrutar parceiros sexuais no espaço virtual. Esse meio, conforme as pesquisadoras Mary Bull & Sheana McFarlane (2000), além de possibilitar um contato sexual, permite que a interação cara a cara ou cara genitália, ocorra de forma rápida e efetiva. Em conformidade com Parker (2002), verifica-se que alguns espaços podem tornar-se *locus* para que a interação homoerótica aconteça. A linguagem do corpo ultrapassa qualquer linha, divisa, marcação e manifestação através de gestos, olhares, sorrisos, levantamento de sobrancelha ou inclinação da cabeça. Assim, os *Goddess Spaces* ganham um novo ângulo, tornando-se um prisma infinito para a construção e concretização de relações, subjetividades e desejos.

O sociólogo Richard Miskolci (2015) aponta que as novas formas comunicacionais advindas com o mundo virtual não só criaram um novo recorte para os desejos preexistentes, mas também influenciaram e favoreceram a concretização dos desejos, visto que o universo on-line viabiliza a criação de um mercado amoroso e sexual. Conforme denota o pesquisador Luís Augusto Silva (2009), a internet amplificou as práticas sexuais existentes, visto que no espaço concreto da casa, sob a forte influência da religião e machismo, ainda existem temas e falas que são consideradas tabus, principalmente aquelas que conectam o corpo, gênero, sexualidade. Dessa forma, de acordo com os geógrafxs Ivan Pimentel, Jeziel Silva & Ana Carolina Barbosa (2021), o ciberespaço representa a abertura de uma porta com múltiplas funcionalidades e aproxima sujeitos com interesses em comum, concebendo, assim, transformações substanciais no que diz respeito à tecnologia, à cultura, à vida pessoal e coletiva desses usuários.

Entretanto, em concordância com o psicoterapeuta Michael Shernoff (2006), a era pós-AIDS está intensamente ligada por uma maior difusão e dinamismo das informações, processo que veio a se tornar mais difuso devido ao advento da internet e da construção de redes digitais no ciberespaço, o que permitiu a interação entre os atores sociais e o compartilhamento de saberes. Enquanto alguns usuários estão usando a internet para procurar informações a respeito do HIV, conforme afirma o médico pesquisador Alfredo Oliveira Neto (2015), outros atores sociais têm buscado, especificamente na rede, parceiros sexuais que estejam profundamente interessados em se envolver em práticas e comportamentos sexuais em que a camisinha é desconsiderada de forma intencional.

Nessa perspectiva, Bonfante (2019) salienta que a internet tem promovido a circulação de sintaxes do desejo muito específicas, criando um maior entrosamento entre os atores sociais que desejam e estimulam, de certa maneira, as práticas desejantes. Conforme Silva (2009), a prática de *Barebacking* – tratado neste trabalho como sexo anal consensual sem camisinha – tem sido fundamental para compreender, no contexto atual, a propagação do HIV/AIDS, visto que a prática passou a ser vista como um comportamento de risco, fragmentado em três conceitos entre os praticantes dentro deste fenômeno: (a) *Bug Chaser* – ator social que busca se infectar de qualquer forma com o vírus; (b) *Gift* – pessoa que um dia já teve comportamento *Bug* ou *Gift Giving* e que recorreu aos tratamentos antirretrovirais; e (c) *Gift Giving* – ator social que transmite o HIV de forma consensual\não consensual intencional, segundo o psicólogo Edgar Felberg (2015).

A internet tornou-se um epicentro supremo da informação, visto que sua evolução permitiu o crescimento de salas de bate-papo, blogues e anúncios pessoais. Também facilitou o anonimato e aumentou a conexão de “homens heterossexuais” a fóruns ou salas de bate-papo HSH, atitude considerada inaceitável em uma sociedade homonegativa. Para o pesquisador estadunidense Christian Grov (2004), sem o ciberespaço, esse contexto poderia ter sido impedido, impossibilitando o encontro de novas formas de interações entre HSH. Nesta mesma perspectiva, segundo o pesquisador Daniel Haney (2003), a internet desempenha um papel correlacional com a funcionalidade dos espaços concretos de sociabilidade homoerótica, potencializando e aumentando o número de encontros sexuais anônimos entre HSH.

De acordo com Brignol e Dourado (2011), através do ciberespaço, os HSH recrutam parceiros sexuais, indicando que a rede proporciona uma maior facilidade para o

encontro de parceiros sexuais e para o sexo desprotegido, principalmente para a prática de *Barebacking*. Para Davey Smith *et al.*, (2006), a partir da relação entre espaço virtual e do *Goddess Space*, pode-se observar recentes aumentos na incidência do HIV, levando a novas preocupações, uma vez que o ciberespaço se tornou um espaço catalisador para a prática de transmissão intencional do HIV.

O deslocamento pelo território se torna um mecanismo viável, afinal, a interação on-line proporciona que a descoberta e difusão de redes sociais (interação entre corpos) sejam alcançadas. Através da potencialidade transgressiva da internet, a expansão e, conseqüentemente, explosão de discursos que caminham na contramão da saúde e medidas de profilaxia emergem, como a prática de *Barebacking*, atrelada a uma dimensão mais artificial do seu conceito propriamente dito.

Se, no passado, conforme Bonfante (2019), a invisibilidade dos desejos e vontades vinha a partir dos vieses que utilizavam como base a culpa, arrependimento e pecado, na sociedade vigente, os prazeres são acionados e transpõem todas as normas estabelecidas, criando uma profunda relação, mediada pelas redes de interação on-line entre os atores sociais presentes, concebendo, assim, uma espécie de confessorário, produzindo um intenso elo entre confessando e confidente. Para Grov (2004), ao que tudo indica, grande parte dos homens que buscam contrair o HIV tornam-se “escravos da morte”, visto que buscam, a todo custo, se infectar, ultrapassando barreiras físicas e simbólicas estabelecidas diante das esferas de saúde e da penalidade. O que tem sido observado é que, para uma grande parte dos HSH que procuram se infectar com o vírus propositalmente, uma simbologia lhes é dada entre os parceiros que compartilham tal posicionamento, parecendo chegar a um utópico estado de “eu sou senhor da minha vida, invencível, um super-herói”.

O escritor Romário Lourenço (2015), em seu livro intitulado *Bug Chaser*, descreve minuciosamente a sua busca incansável pelo HIV. Após inúmeras tentativas (falhas) de tornar-se HIV positivo, o desejo do autor foi concretizado após realizar uma transfusão de sangue por meio de seringas em um apartamento, intermediado por um rapaz que ele havia conhecido em um *Goddess Spaces*. Dessa maneira, segundo Silva (2009), o uso da internet tem se tornado um espaço que propicia encontros sexuais e amorosos, mas ressalta-se que esse fenômeno não se restringe apenas ao mundo *on-line*, visto que as pessoas, mesmo com a difusão da rede e com os avanços do universo virtual, ainda continuam frequentando *Goddess*

Spaces e outros espaços de sociabilidade homoerótica para encontros de parceiros em potencial para práticas e comportamentos de sexo desprotegido e de alto risco.

Por fim, Richard Miskolci e Larissa Pelúcio (2017), constatarem de que os signos e significados que fazem parte do mundo virtual e on-line são capazes de conceber críticas a respeito dos limites morais, sexuais e de gênero a partir de várias épocas. Logo, este emaranhado na rede tem obtido, a partir dos discursos culturais por meio da rede, que transformações a respeito de corpos e práticas sexuais moralizadas sejam desconstruídas, principalmente a partir de atores sociais que historicamente tiveram seus corpos vigiados e regulados. Assim, a internet (re)produz e (re)constrói diariamente espaços de diálogos, desejos, anseios e fetiches que, no mundo real concreto, isto é, atrás das telas, são vistos pela sociedade moralista como segmentos subalternizados a serem combatidos ou ocultados, como ocorre com as saunas e cinemas, que todos veem, compreendem a sua existência e até frequentam, mas fingem não existir ou desviam repentinamente o caminhar no meio da multidão, e adentram o espaço interdito pela masculinidade hegemônica sem serem percebidos. Algo possível apenas nas médias e grandes cidades.

Do ciberespaço à propagação do HIV fora das tel@s: a especialização do “Clube do Carimbo”

"Cavalheiro, o seu teste deu reagente". A primeira coisa que se passa na cabeça de um indivíduo ao receber o diagnóstico identificando o status sorológico para positivo diante do HIV é: “Por que eu”? Emerge um filme na cabeça, o chão parece sumir sobre os pés, as pernas tremem como se inúmeros terremotos estivessem abalando a Terra ao mesmo tempo em uma magnitude jamais medida. A fala desaparece, a garganta seca, o olhar congela. O giro do corpo se transporta para 360°, buscando determinadas justificativas, os verdadeiros culpados e o que poderia ter sido feito para evitar. E agora? Como conto aos meus pais e aos meus amigos? E o pessoal do meu trabalho? Não há o que fazer. “Estou liquidado”. Como será a minha vida daqui para frente?

Para muitos, receber o diagnóstico do HIV pode representar a queda de um arranha-céu de mais de quarenta andares, sem um amparo. Mas e o contrário? Existiria alguém que fosse capaz de buscar incansavelmente por HSH soropositivos detectáveis e com carga viral alta que estivessem dispostos a compartilhar esse vírus de forma intencional consensual? “POSIT(HIV)O!” Tudo isso está profundamente ligado à subcultura do “Clube do Carimbo”, uma comunidade no espaço virtual feita de HSH que possuem, como ideologia, disseminar o

HIV de forma proposital consensual e também de forma não consensual, adotando práticas e comportamentos de risco e difundindo táticas que ensinam a “enganar” o parceiro(a) na “hora H”.

O “Clube do Carimbo” **não é para amigos**. Só entra quem tem peito de assumir a sua causa e consequência. **Está espalhado por todo Brasil. Com diferentes nomes e formas na internet, sob disfarce de blogs sexuais**, o clube cadastra pessoas que curtem sexo sem camisinha a fim de encontrar parceiros com o mesmo objetivo. Outros são mais enfáticos, **buscam caras soropositivos que queiram carimbar outros. Ou seja, contaminar**. A primeira lei diz que tem gente que gosta e quer. **A segunda, porém, ensina técnicas para carimbar as pessoas sem que elas saibam. As técnicas vão de furar a camisinha** até maneiras de conquistar o cara, fazê-lo se apaixonar por você e daí carimbá-lo e depois sumir fingindo que nada aconteceu. **É uma realidade chocante, mas que existe. E está espalhada por aí, basta abrir os olhos e vê** (O ANJO DO MAR, 2015, grifos dos autores).

O epílogo acima, retirado do primeiro episódio do curta-metragem *O Anjo do Mar* (2015), evidencia algo que a sociedade brasileira tenta esconder: o “Clube do Carimbo”. Para Martinez & Oliveira (2016), essa prática, espalhada por todo Brasil, de transmissão involuntária e deliberada do vírus, com o desconhecimento do parceiro(a), tornou-se nacionalmente conhecida como carimbo, carimbar ou carimbada.

Considerando a importância da ciência geográfica para compreendermos fenômenos presentes no ciberespaço para a elaboração de mapas e tabelas envolvendo o Clube do Carimbo, utilizou-se um meio específico, que pode ser identificado e acessado a partir de um blog disponível na internet: STUB (2018 - atual). Após o primeiro contato com membros da comunidade supracitada, optou-se por fazer parte de grupos de WhatsApp, pois ali pode-se observar a construção de papéis e performances no ciberespaço, tanto no que diz respeito aos produtores de conteúdo quanto aos consumidores. Para a realização do mapeamento, por questões éticas, preservou-se o número do telefone celular dos membros dos grupos e utilizou-se o código da Discagem Direta à Distância (DDD), entre os anos de 2020-2022 (Figura 1).

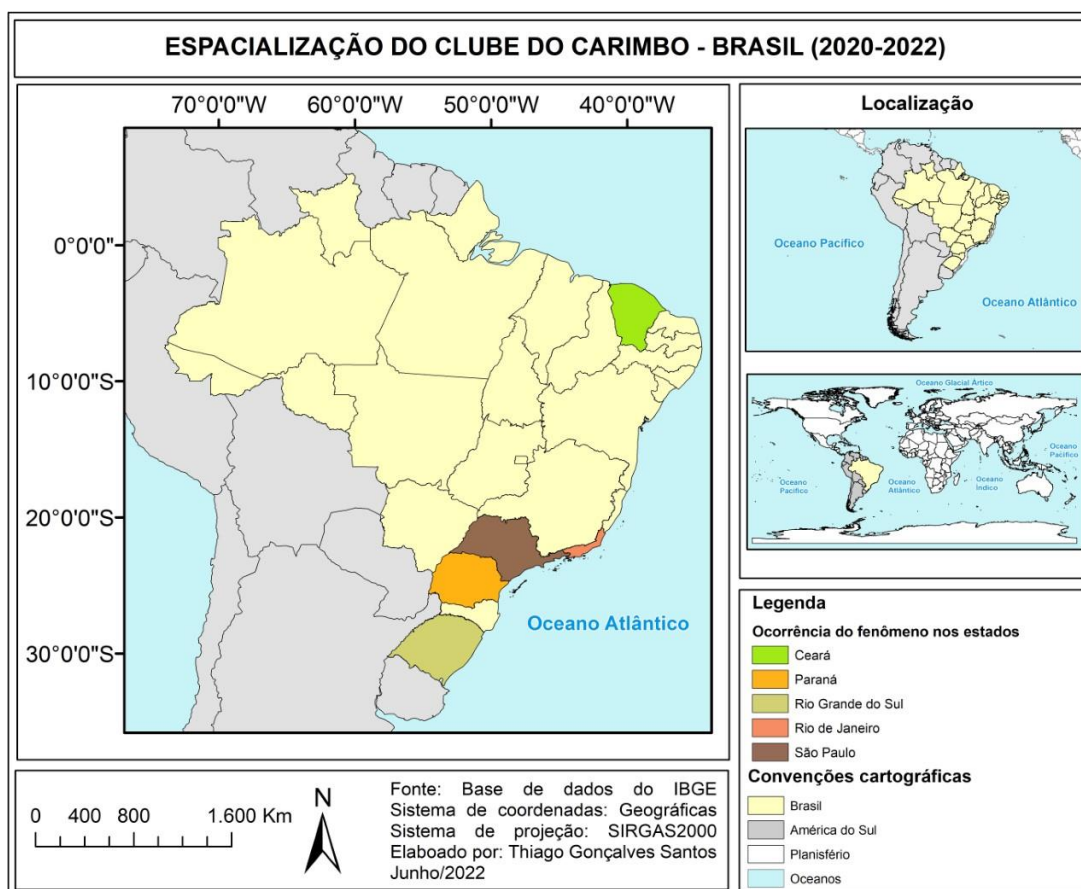


Figura 1: Mapa Temático do Clube do Carimbo (2022).
 Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022).

A respeito da (geo)localização do “Clube do Carimbo” no território brasileiro, e por se tratar de uma pesquisa em que se levantaram dados a partir dos grupos de WhatsApp, visando enriquecer o diálogo com a Figura 1, realizou-se a elaboração de tabelas para que o leitor possa visualizar de forma nítida a abrangência significativa de áreas de espacialidade do “Clube do Carimbo”. De acordo com o mapa, os grupos estão situados em dois estados da Região Sudeste (Rio de Janeiro e São Paulo), dois estados da Região Sul (Paraná e Rio Grande do Sul) e apenas em um estado da Região Nordeste (Ceará).

UF	Número da Discagem Direta à Distância	Quantidade de Grupos
SP	011	Seis Grupos
RJ	021	Quatro Grupos
RS	053 054	Dois grupos
PR	041 043	Dois grupos
CE	085	Um grupo

Tabela 1: Quantidade de grupos de acordo com a UF e o DDD.
 Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

As áreas com maior ocorrência, conforme os grupos levantados e catalogados no ciberespaço, que dialogam com a Figura 1 e com a Tabela 1, representam os estados brasileiros de São Paulo e Rio de Janeiro, com uma dimensão marcante no que diz respeito ao Clube do Carimbo, sendo seis grupos para São Paulo e quatro grupos encontrados no Rio de Janeiro. Também pode-se observar os estados do Rio Grande do Sul com dois grupos, Paraná com dois grupos, e o Ceará com um grupo, como outros locais em que o “Clube do Carimbo” é difundido.

Cabe ressaltar que o fenômeno em tela se efetiva com maior intensidade nas principais metrópoles do país, pois conforme fora apontado anteriormente, nos principais centros urbanos das principais cidades no nível hierárquico brasileiro, a correlação entre espaço virtual e os *Goddess Spaces* é mais intensa e rica. Diante dos fixos e fluxos, os indivíduos podem espontaneamente desfrutar mais intensamente da sua “liberdade vigiada” e encontrar corpos desejosos em busca de prazer, uma vez que a “cerveja depois do trabalho” ou “a velha rapidinha na hora do almoço” são práticas frequentes na urbe.

Consta importante destacar que o mapeamento foi realizado a partir dos grupos presentes na rede, reverberando cotidianos ocultos presentes nas grandes metrópoles e evidenciando a existência do fenômeno no Brasil. Isso não exclui a possibilidade desses grupos estarem presentes em cidades médias do interior de São Paulo, em outras metrópoles nordestinas, ou até mesmo em outras cidades importantes na hierarquia urbana brasileira.

A partir da exposição ao longo deste trabalho, a catalogação dos grupos foi construída a partir de um período específico, e por se tratar de dinâmicas na rede, os grupos, os administradores, os participantes, as temáticas, são reconfigurados, flutuantes e fluídos, nos quais a entrada e saída dos participantes ocorrem a todo instante, acarretando mudança nos nomes, criadores e administradores. Através das performances auto pornográficas, conforme aponta Bonfante (2019), por meio de textos, imagens, vídeos, áudios e *emojis* que circulam através desses grupos, o fenômeno ganha adeptos, amplia sua gama de signos e significados – embora o nome de alguns grupos sofra alterações com o passar do tempo, transformando um grupo de carimbadores em um grupo de troca de vídeos, por exemplo. Como a participação é instável, diversos grupos que têm seu ingresso por meio de convites compartilhados acabam se perdendo, ocorrendo a “quebra do link” e impossibilitando o contato e acesso a esses grupos.

Ainda em relação aos grupos, levando em conta que os diálogos, em grande parte, seguem um *script*, uma espécie de roteiro com objetivo de levantar algumas questões como: onde o sujeito mora, sua idade, posição sexual, o que ele procura, e assim sucessivamente, como qualquer outra conversa presente em fóruns virtuais. Esses usuários enviam (mesmo sem interpelações) informações pessoais, visando atrair parceiros sexuais. Algumas comunicações não seguem um roteiro, e caminham (caso o sujeito deseje) para uma conversa direta envolvendo encontros sexuais – muitas vezes é realizada via “PV” (privado), ou seja, comunicação privada entre os envolvidos.

Mesmo que algumas conversas mais íntimas sejam realizadas no âmbito privado, esses grupos possuem mecanismos próprios para driblar os usuários *outsiders*, removendo os participantes indesejados presentes nos grupos, tornando o “espaço” mais harmonioso e interessante para quem deseja e gosta das práticas sexuais ali evidenciadas. Negociações e aproximações são fundamentais para esses atores sociais que, insatisfeitos, interrompem seus discursos e contatos que agora são marcados pela saída dos grupos. Nesse sentido, como consequência nos grupos, a partir dos internautas interlocutores, as estratégias de interação, nesses flertes digitais, nas quais um *emoji* pode sinalizar interesse/desinteresse para quem está do outro lado da tel@.

No que tange à quantidade de grupos a partir do nosso recorte temporal e da nossa escala (ciber)espacial, foi possível identificar e catalogar cerca de quinze grupos na rede que possuem entre cinquenta e duzentos e cinquenta e seis membros, espalhados por mais de seis estados do Brasil e englobando mais de mil e quinhentos homens. A partir disso, a Tabela 2 foi construída considerando a quantidade de pessoas presentes nos grupos, bem como a descrição de cada um deles e seus respectivos dados (sigla, quantidade de membros, espacialização por meio da UF e DDD).

Quantidade de Grupos no WhatsApp referente ao Clube do Carimbo			
<i>Sigla dos grupos</i>	<i>Quantidade de Membros</i>	<i>UF & DDD</i>	<i>Descrição do grupo e data de criação</i>
CAHS\R	50	São Paulo 011	Grupo para carimbadores e <i>bugchaseres</i> que desejam ser carimbados. Aqui, a única regra é não usar camisinha, pois todos sabemos que o verdadeiro sexo seguro é aquele praticado sem capa.

			HIV, sífilis, gonorreia, clamídia, candidíase, HPV, Herpes, entre outras. Data de criação: 14 maio 2018.
V&BC	91	São Paulo 011	Grupo para quem tem fetiche ou é <i>barebacker</i> vitaminado. Se entrar e não deixar visível foto de rosto no perfil em até 24 horas, será removido. Somente maiores de 18 anos. Proibido pedofilia. Data de criação: 3 julho 2016.
PPP	30	Rio Grande do Sul 053	Only Gay Data de criação: 7 novembro 2016.
FE	129	Rio de Janeiro 021	Grupo destinado a fetiches. Proibido perfil sem foto, menores, mulheres, discriminações, divulgação de outros grupos, zoo, gore, pedofilia, mutilação, qlq conteúdo político, religioso, números estrangeiros, propagandas comerciais, notas falsas, qlq outra prática ilegal. Boa diversão, seus putos. Data de criação: 12 abril 2019.
SCTB	30	Rio de Janeiro 021	Grupo destinado a pessoas que curtem a brincadeira de começar de camisinha e terminar sem, de propósito ou não. A preferência aqui é quem curte leite dentro, ser depósito ou leitar. Data de criação: 26 dezembro 2020.
PB	30	Paraná 041	Se você curte leitar ou ser leitado! Tudo é liberado, compartilhe fotos, vídeos. A intenção é a união de adeptos. Entre apenas se curtir. Data de criação: 14 agosto 2018.
V	45	Ceará 085	Quem tem dificuldade de se contaminar, basta entrar no grupo que nós podemos ajudar. Data de criação: 1 janeiro 2016

DSM	256	Rio de Janeiro 021	Putaria gay liberada para maiores de idade. Data de criação: 29 fevereiro 2020.
100%P	25	São Paulo 011	* ⁹ Data de criação: 6 out. 2016.
BS	113	São Paulo 011	Putaria sem pudor e sem camisinha. Para quem deseja ser convertido em uma prática perversa. Save Satan. Data de criação: 22 novembro 2019.
ACO	93	São Paulo 011	Soropositivos sem tratamento que curtem carimbo e carimbada. Sem capa, sem <i>condom</i> , “no pelo”. Data de criação: 11 maio 2018.
NC	241	Paraná 043	Aqui é tudo liberado, mas compartilhem fotos e vídeos. Somente homens, maiores de 18 anos, foto no perfil liberada, no spam, no pelo. Data de criação: 17 dezembro de 2016.
CDC	45	Rio Grande do Sul 055	Grupo destinado a pessoas que curtem um sexo totalmente sem frescura, sexo na pele, sem capa, sem camisinha. Preferência por pessoas que curtem carimbar. Curte leitar ou ser leitado, divirta-se! Data de criação: 21 dezembro 2020.
L100%P	257	São Paulo 011	Encontre aqui o link de algum grupo de seu gosto. Data de criação: 6 outubro 2020.
LCV	40	São Paulo 011	Data de criação: 14 maio 2018.

Tabela 2: Catalogação de Grupos Sobre Clube do Carimbo no ciberespaço.
Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

⁹ O símbolo “*” foi utilizado para indicar aqueles grupos que não possuem uma descrição.

A partir das tabelas apresentadas, pode-se evidenciar que a espacialização do “Clube do Carimbo”, no Brasil, se efetiva principalmente por meio do ciberespaço, através de vocabulários e signos que representam possibilidades de aproximação entre sujeitos que compartilham dos mesmos desejos e angústias. Para a pesquisadora Marina Mendes (2011), um símbolo denominado *emoji* (linguagem gráfica), pode significar uma série de contextos inseridos na esfera do HIV, como os ícones (*emojis*) de seringa (pessoas que fazem uso de drogas injetáveis), e escorpião (HSH que são carimbadores – denominação para HSH que transmitem o HIV de forma proposital para outras pessoas), presentes nos aplicativos utilizados para a troca de mensagens.

A cientista social Larissa Pelúcio (2017) afirma que as buscas permanentes por determinadas experimentações, sempre arriscadas, colocam o ator social em relação com uma esfera de gestão de riscos, afetos, e abre uma caixa de pandora no que diz respeito às suas emoções e sensações. O ciberespaço colabora com a ideia de que existe uma esfera inesgotável que tange o prazer e as possibilidades de alcançá-lo, além de construir múltiplas experimentações, conforme observou-se nos quinze grupos analisados.

Para esses atores sociais que adotam comportamentos mais objetivos e práticos, a correlação entre o ciberespaço e os *Goddess Spaces*, na qual os encontros ocorrem cara-a-cara, torna o caminho mais fluído, com estradas menos tortuosas e sem pedágios. Para eles, ao frequentar um espaço em que os desejos e fantasias são realmente realizados, “o que realmente importa é o vai e vem dos corpos durante o ato sexual”, nome, idade, onde mora ou status civil pouco importa. Em síntese, a busca pela prática de transmissão consensual do HIV apresenta fronteiras que são, ao mesmo tempo, ultrapassadas e limitadas pelas interações entre o mundo virtual e o real.

Nesse sentido, para o pesquisador Antonio Miranda (2000), a identidade torna-se (re)transformada a todo instante, principalmente quando os sistemas culturais contribuem para este fluxo contínuo. Ao organizar-se em torno de uma subcultura – a do “Clube do Carimbo” –, o ator social passa a enxergar aquela prática por meio de outro prisma, acarretando, individual ou coletivamente, um conjunto de noções, ideias e concepções que possibilitaram a construção de uma comunidade simbólica e concreta repleta de representações culturais, na qual o discurso opera como construtor de ações tal como salienta.

Assim sendo, observa-se que, por se tratar de um grupo que reúne múltiplos participantes de todos os cantos do Brasil, a próxima etapa, após longas trocas de mensagens

(de conteúdos eróticos – caseiros ou comerciais), pode facilitar um encontro real por meio de deslocamentos que abrangem uma longa escala, como de uma cidade de Minas Gerais para a capital do Rio de Janeiro; ou em uma pequena escala, de um bairro para outro dentro de uma mesma cidade em São Paulo. Uma parcela de HSH¹⁰ que busca pelo HIV de forma consensual, e aqueles que transmitem de forma consensual, relataram que estão sempre viajando – principalmente eixo Rio de Janeiro e São Paulo –, buscando por novos parceiros, experiências, vivências com outros parceiros carimbadores, depósitos e soropositivos.

Pouco importa a direção que a bússola aponte para o ator social, uma vez que no Clube do Carimbo, conforme a dinâmica vigente nos grupos, o mais importante é caminhar nos quatro cantos da cidade e encontrar milhares de corpos curiosos e excitados que estão em busca de outros corpos excitados, dispostos a doar ou receber consensualmente o HIV. Embora os estudos sobre a temática ainda sejam incipientes, compreender a correlação entre diferentes espacialidades, ou seja, entre ciberespaço e os *Goddess Spaces*, constitui um passo para compreendermos as novas tramas que se efetivam cotidianamente no vai e vem das grandes metrópoles brasileiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tantas tramas presentes no nosso cotidiano, a partir do ciberespaço pôde-se observar a aglutinação de interações que se imbricam através de diferentes fenômenos que se efetivam nas principais metrópoles do Brasil, simbolizando a promoção de novas dinâmicas e trocas que se concretizam cotidianamente diante dos nossos olhos. O “Clube do Carimbo”, busca romper com a perspectiva do corpo atingido pelo HIV em uma “marca” capaz de criar limites e fronteiras na sua relação com diversas espacialidades.

Realizar uma pesquisa com o objetivo espacializar homens que buscam homens, no ciberespaço, para se relacionarem sexualmente e transmitirem consensualmente o HIV nos *Goddess Spaces*, talvez leve muitos a questionarem: onde está a Geografia? Diante de tal questionamento, muitas vezes presentes em trabalhos de Geografia, Gênero e Sexualidade, cabe ressaltar que a Geografia é uma condição *sine qua non* para a análise e a compreensão de

¹⁰ Em contrapartida, algo que chama atenção é a quantidade de HSH que relatam relacionar-se com outros homens cis que possuem relacionamentos estáveis (casamento, namoro, relação aberta) com mulheres cis. Os internautas interlocutores evidenciam que esse tipo de parceiro são os melhores, pois eles se entregam aos desejos, às práticas de sexo desprotegido consensual e ao HIV, e “levam para casa”, infectando suas respectivas parceiras e casos extraconjugais, o que nos faz retornar ao primeiro capítulo desta pesquisa, ao evidenciar a difusão do fenômeno da casa para rua e da rua para casa e salientar a abrangência no perfil social e demográfico do HIV.

diversos fenômenos que atualmente ocorrem no ciberespaço e se relacionam diretamente com o espaço concreto.

Embora esses trabalhos ainda sejam incipientes na Geografia Brasileira, trazer à luz a materialização de diversos grupos do “Clube do Carimbo” em diversos estados, simboliza apenas um pontapé para compreendermos o quanto o ciberespaço tem contribuído para a construção de novas espacialidades, muitas vezes imperceptíveis por não compreendermos que a vida real, hoje, pode ser dividida em vida on-line e vida off-line.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Wilson Nascimento. **Palavras Dissidentes: a explosão ao HIV/aids no discurso de um blog de Barebacking Sex direcionado a homens que tem sexo com outros homens**. 2017. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo - SP.

BONFANTE, Gleiton Matheus. “Breeding Theory: Foucault e Goffman no estudo de performances do desejo bareback em grupos de whatsapp”. In: OLIVEIRA, Thiago; MAIA, Helder Thiago (Orgs.). **Práticas Sexuais: Itinerários, Possibilidades e Limites de Pesquisa**. Salvador: Devires, 2019. p. 249-267.

BRIGNOL, Sandra; DOURADO, Inês. “Inquérito sociocomportamental sobre as práticas sexuais desprotegidas entre homens que fazem sexo com homens usuários da Internet”. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 14, n. 3, p. 423-434, 2011.

BULL, Sheana; MCFARLANE, Mary. “Soliciting sex on the Internet: what are the risks for sexually transmitted diseases and HIV?”. **Sexually transmitted diseases**, v. 27, n. 9, p. 545-550, out. 2000.

CHRISTOFOLETTI, Antônio. “As Características da Nova Geografia”. **GEOGRAFIA**, v. 1, n. 1, p. 3-33, 1976. Disponível em: <<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/14720>>. Acesso em: 12 ago. 2022.

CORREIA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

FELBERG, Edgard. **O sexo nu: bareback e outras reflexões**. Curitiba: Appris, 2015.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GROV, Christian. “‘Make me your death slave’: Men who have sex with men and use the internet to intentionally spread HIV”. **Deviant Behavior**, v. 25, n. 4, p. 329-349, 2004.

HANEY, Daniel. “Internet Chat Rooms are a Common Way to Arrange Risky Sexual Encounters”. **The Associated Press**, 13 fev. 2003. Disponível em: < <https://www>.

mrt.com/news/article/Chat-Rooms-a-Meeting-Place-for-Risky-Sex-7864876.php>. Acesso em: 07 out. 2022.

HISSA, Cássio E. Viana; NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães. “Cidade-corpo”. **Revista UFMG**, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 54-77, 2013.

LOURENÇO, Romário Rodrigues. **Bug Chaser**. São Paulo: edição do autor, 2015.

MARTINEZ, Sergio Rodrigo; OLIVEIRA, Gabrielle Cajueiro de. “O CLUBE DO CARIMBO’: As consequências criminais da transmissão voluntária do HIV”. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, out./dez. 2016. *On-line*. Disponível em: <<https://www.eumed.net/rev/cccss/2016/04/carimbo.html>>. Acesso em: 8 nov. 2022.

MENDES, Marina. “Interação virtual e identidade”. **Cadernos da Escola de Comunicação**, n. 9, p. 1-14, 2011.

MIRANDA, Antonio. “Sociedade da informação: globalização, identidade cultural e conteúdos”. **Ciência da Informação**, v. 29, n. 2, p. 78-88, 2000.

MISKOLCI, Richard. “‘Discreto e fora do meio’ – Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea”. **Cadernos Pagu**, n. 44, p. 61-90, 2015.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. “Gênero, sexualidades e mídias contemporâneas: do pessoal ao político”. **Revista Estudos Feministas**, v. 25, n. 1, p. 263-268, jan./abr. 2017.

NABOZNY, Almir. “Espaço e as redes de interdependência na produção da invisibilidade da exploração sexual comercial-infanto-juvenil feminina”. In: SILVA, Joseli Maria (Org.). **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: Todapalavra Editora, 2009. p. 153-176.

NELVO, Romário Vieira. “O enredo das condenações: uma etnografia entre documentos e ‘justiça’ acerca de casos de transmissão do HIV”. **Ideologando: revista de ciências sociais da UFPE**, v. 1, n. 2, p. 102-121, 2017.

OLIVEIRA NETO, Alfredo de. **Internet e HIV/AIDS: o poder da informação e da desinformação**. 2015. 183 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas e Saúde; Epidemiologia; Política, Planejamento e Administração em Saúde; Administra) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

O ANJO DO MAR. Direção: Pedro Quevedo. Produção de Projeto Cais & Circuito TV- A ilha. Local: Brasil- Florianópolis: Produtora: Projeto Cais, 2015.

PARKER, Richard Guy. **Abaixo do Equador: Culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PELÚCIO, Larissa. **Amor em tempos de aplicativos: Masculinidades heterossexuais e a negociações de afetos na nova economia do desejo**. 2017. Tese (Livre Docente em Gênero,

Sexualidade e Teorias Feministas) - Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru - SP.

PIMENTEL, Ivan Ignácio; BARBOSA, Ana Carolina Santos; SILVA, Jeziel Silveira. “Qual o Espaço do T-Lover?: O Armário no Contexto do Ciberespaço”. **Geo UERJ**, n. 39, e55134, 2021.

ROTELLO, Gabriel. **Comportamento Sexual e AIDS: A cultura gay em transformação**. São Paulo: Summus, 1998.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo- Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SHERNOFF, Michael. **Without condoms: Unprotected sex, gay men and barebacking**. Routledge: New York, 2006.

SILVA, Luís Augusto Vasconcelos da. “Barebacking and the possibility of seroconversion”. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 25, n. 6, p. 1381-1389, 2009.

SMITH, Davey; DRUMRIGHT, Lydia; FROST, Simon; DAAR, Eric; ESPITIA, Stephen; GORBACH, Pamina; LITTLE, Susan. “Characteristics of recently HIV-infected men who use the Internet to find male sex partners and sexual practices with those partners”. **JAIDS Journal of Acquired Immune Deficiency Syndromes**, v. 43, n. 5, p. 582-587, 2006.

SOUZA, Carine Cabral; FELIPE, Marggie Vanessa Serna. “Importância dos Métodos de Pesquisa (Quantitativos e Qualitativos) em Geografia”. In: XIV ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA, 2021, *On-line*. **Anais...** Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/enanpege/2021/61e0804ab5f4a_13012022164058.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2022.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

WHITFIELD, Darren; KATTARI, Shanna; WALLS, N. Eugene; AL-TAYYIB, Alia. “Grindr, scruff, and on the hunt: predictors of condomless anal sex, internet use, and mobile application use among men who have sex with men”. **American journal of men's health**, v. 11, n. 3, p. 775-784, 2017.